

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**  
**PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO NO ENSINO SUPERIOR**  
**PELO VIÉS COGNITIVO**

Desire Blum Menezes Torres – UEL [desiretorres@uel.br](mailto:desiretorres@uel.br);  
Sérgio Inácio Torres – UNESP [pianista@oi.com.br](mailto:pianista@oi.com.br);  
Adriana Regina de Jesus - UEL [adriana tecnologia@yahoo.com.br](mailto:adriana tecnologia@yahoo.com.br)

**Eixo 3: Educação Superior**

**Resumo**

O planejamento participativo é uma estratégia metodológica que visa a obtenção de resultados em diversos tipos de organizações, fortemente utilizada na esfera pública. e. organizações sem fins lucrativo. Partindo do pressuposto, que, se houver maior envolvimento, dos discentes, na construção do saber, o índice de assertividade no aprendizado acadêmico terá maior êxito, e o planejamento participativo, utilizado no ensino superior, pode auxiliar neste processo. Desta forma, este estudo propõe como objetivo geral refletir sobre o planejamento participativo na prática pedagógica do ensino superior, tendo como recorte relacionar este tipo de planejamento com aspectos da psicologia cognitivista, a saber, os estilos intelectuais propostos por Zhang e Sternberg (2005) no âmbito da teoria do autogoverno mental, a serem aplicados com estudantes em sala de aula. As bases teóricas, consistem para o planejamento participativo, baseiam-se em Danilo Gandin (1994), e, os estilos intelectuais, abordagem cognitivista segundo Sternberg (2005; 1997). A metodologia consiste em um estudo exploratório, qualitativo e pesquisa bibliográfica (COOPER; SCHINDLER, 2003; GIL, 2002; MARCONI; LAKATOS, 2003). Esta pesquisa, em fase inicial, tem como resultados, parciais obtidos, a relação pertinente estabelecida entre os referenciais utilizados, no sentido de uma enriquecimento na relação ensino-aprendizagem, com alunos do ensino superior.

**Palavras-chave:** Ensino superior; Planejamento participativo; Estilos Intelectuais.

**Introdução**

O trabalho pretendido se embasa na articulação entre eixos conceituais nas áreas de estratégias do professor sobre fortalecer a aprendizagem no ensino superior por meio do método fortemente utilizado na gestão de escolas públicas – o Planejamento Participativo. O intuito principal é tanger a relação entre a eficácia desta estratégia na obtenção de um ensino mais assertivo na relação alunos e professor.

Tal discussão está, por sua vez, envolta na reflexão sobre a aplicação de estratégia de ensino para alunos do curso superior. Tendo como estrutura teórica, o referencial da Psicologia Cognitivista denominado “Estilos Intelectuais” e o método

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

de Planejamento Participativo, amplamente utiliza na condução deste método nas escolas, principalmente, do ensino público.

A justificativa para a presente pesquisa é pela crescente desmotivação dos alunos em aprender, principalmente em estrutura de ensino que lhes apresentem algo posto onde toda trajetória da disciplina está definida, previamente concebida pelo docente, sem espaço para uma construção conjunta em algum ponto deste processo, o contrário que propõe o planejamento participativo. Por isso, a grande motivação do estudo e verificar o quanto pode ser enriquecida essa prática no ensino superior, nos cursos de Licenciatura em Música e Relações Públicas, da Universidade Estadual de Londrina, campo de atuação dos pesquisadores.

### **Planejamento Participativo como processo de envolvimento e transformação**

“Apreender determinado objetivo de conhecimento é apropriar-se dele em seus determinantes e ser capaz de reconstruí-lo no e pelo pensamento, transferindo-o inclusive para solucionar situações problemas. Ou seja, ser capaz de pensar com o conteúdo apreendido, aplica-lo, modifica-lo, ampliá-lo, para além de apenas reproduzi-lo”. Anestesiou (2017, p.27). Com base neste preceito pode-se entender a participação do discente é uma das manifestações do ato de aprendizagem. A estratégia do planejamento participativo é uma possibilidade para ser aplicada no contexto acadêmico, no ensino superior.

No aporte teórico sobre o Planejamento “[...] aparecem três grandes linhas: o gerenciamento da qualidade total, o planejamento estratégico e o planejamento participativo que se somam ao planejamento operacional”. (GANDIN, 1994, p. 24). Em cada um destes tipos de planejamento “[...] comporta possibilidades de transformação social ou de conservação, conforme os grupos que os manejam” (p.24). Neste trabalho, será apresentado as questões pertinentes a linha do Planejamento Participativo, pela perspectiva de envolvimento entre as partes (GANDIN, 1994).

Segundo Gandin (1994, p. 28) “o planejamento participativo parte de uma leitura do nosso mundo na qual é fundamental a ideia de que nossa realidade é injusta e de que essa injustiça se deve à falta de participação em todos os níveis e aspectos da atividade humana.” “Por isso, o planejamento participativo, como instrumento e metodologia, isto é, enquanto processo técnico, abre espaços especiais

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

para a questão política. As questões da qualidade, missão, e, obviamente, da participação são especialmente valorizadas.” Gandin (1994, p. 29) O planejamento participativo propõe integrar, na prática, o operacional e o estratégico. Isto posto, entendemos que por meio do planejamento participativo podemos pensar em questões operacionais e estratégicas que possam auxiliar na compreensão das preferências relacionadas ao saber e os estilos intelectuais, como veremos no tópico a seguir.

### **Estilos Intelectuais**

O termo estilo intelectual foi proposto por Zhang e Sternberg em 2005, para se referir às particularidades cognitivas e habituais com que os estudantes processam as informações (OLIVEIRA, TRASSSI, SANTOS, 2017). Robert Sternberg é um psicólogo e pesquisador cognitivista que tem como objeto de investigação as capacidades intelectuais humanas. Neste campo Sternberg desenvolveu algumas teorias, dentre essas, a Teoria do Autogoverno Mental. Os estilos intelectuais são a sistematização da Teoria do Autogoverno Mental (ZHANG, 2005; STERNBERG, 1997). Para compreender melhor as preferências do indivíduo para processar as informações e agir, seja, no ambiente de trabalho, ou escolar, é importante observar o estilo intelectual de profissionais e estudantes. Assimilar as diferenças entre as habilidades e os estilos intelectuais, tornado possível encontrar explicações para situações de fracasso e a possibilidade de realizar novas intervenções nessas situações (OLIVEIRA, TRASSI, SANTOS, 2017).

Os estilos intelectuais podem ser considerados como os diferentes padrões de processamento, preferidos pelo indivíduo, para empregar no decorrer do preparo da informação na aprendizagem. Cada pessoa tem um modo específico de organização cognitiva para receber e processar as informações novas e construir conhecimento (MESSICK, 1984; SANTOS, SISTO e MARTINS, 2003; ZHANG & CHENG, 2014). Este conceito foi formulado por ZHANG e STERNBERG (2005) dentro da perspectiva da teoria do Autogoverno Mental. Esta teoria não busca identificar e classificar individualmente o estilo intelectual de cada estudante, e sim visa classificar os modelos individuais de estilo em dimensões e também em tipos que contemplam características específicas (OLIVEIRA, TRASSI, SANTOS, 2017; INÁCIO, 2016; ZHANG, CHENG, 2014; ZHANG, 2012; ZHANG, STERNBERG, 2005). Diversas

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

particularidades que envolvem as pessoas influenciam em seus estilos intelectuais, pois estes são compostos por segmentos distintos - o fisiológico, o psicológico e o sociológico. As pessoas costumam ter acesso às práticas mais difundidas em seu meio social, isso também ocorre quando se trata da aprendizagem (ZHANG, STERNBERG, 2005). Considera-se também que não existe estilo intelectual “bom” ou “ruim”, mas tem se destacado o fato de que alguns estilos acabam sendo mais eficazes, quando são comparados a outros, em determinados contextos de estudos (ZHANG, CHENG, 2014; ZHANG, 2015; OLIVEIRA, TRASSI, SANTOS, 2017). De acordo com Zhang; STERNBERG, (2005, p.11):

A teoria do autogoverno mental pode ser vista como um modelo geral de estilos não só porque a teoria pode ser aplicada a várias configurações acadêmicas e não acadêmicas, mas também porque abrange todas as três tradições no estudo de estilos. Os estilos dessa teoria são cognitivos em sua maneira de ver as coisas (por exemplo, estilo judicial, estilo global e assim por diante) e correspondem a preferências no uso de habilidades. Os estilos são referentes ao desempenho típico, em vez de desempenho máximo. Portanto, eles se assemelham à tradição centrada na personalidade. Finalmente, os estilos se assemelham à tradição centrada na atividade, na medida em que podem ser medidos no contexto de atividades em andamento.

Sternberg (1994, 1997) defende que, assim como há formas de governar uma sociedade, existem muitas maneiras de administrar nossas atividades, o que pode ser denominado como estilo intelectual. Nesta perspectiva teórica são descritos treze estilos que estão distribuídos em cinco dimensões, sendo elas: três funções (legislativo, executivo e judiciário), quatro formas (monárquico, hierárquico, oligárquico e anárquico), dois níveis (global e local), dois espaços (interno e externo) e duas tendências ou inclinações de governo (conservador e liberal).

Quanto a função, o Estilo legislativo se refere a preferência por escolher as próprias atividades com estratégias criativas. No executivo, o indivíduo prefere seguir regras pré-estabelecidas ao solucionar problemas e atividades. Já o sujeito judicial, prefere avaliar, comparar, analisar e julgar as situações e o desempenho dos demais. Referente a forma, o estilo monárquico é relacionado a pessoas com um único objetivo de realizar as tarefas. Porém, modelo hierárquico, o sujeito prefere estabelecer prioridades na realização de tarefas. Já, o oligárquico reconhece todas as atividades como importantes. E, o modelo anárquico não possui critérios de escolha. No tocante aos espaços, o modelo interno reflete a preferência

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

dos sujeitos em trabalhar sozinhos em uma tarefa, enquanto no modelo externo abrange pessoas que trabalham em grupo, com contato social. E, por fim, nas tendências, pessoas no modelo liberal gostam de ir além das regras diferentemente do modelo conservador onde o sujeito segue regras e evita mudanças (STERNBERG 1997; ZHANG, STERNBERG, 2005).

Para verificar esses estilos é usado o “Inventário de Estilos de Pensamento-Revisado II/TSI-R2 (STERNBERG, WAGNER, ZHANG, 2007)” é um teste que, quando adotado, mostra os “estilos intelectuais” do indivíduo. Esse Inventário é um teste de aplicação individual ou coletiva que avalia os estilos intelectuais. A escala é composta de 65 itens que avaliam os 13 estilos classificados em três tipos. As questões estão dispostas em uma escala Likert com as seguintes opções: “De jeito nenhum” (1 ponto), “Não muito bem” (2 pontos), “Um pouco” (3 pontos), “Bem de alguma forma” (4 pontos), “Bem” (5 pontos), “Muito Bem” (6 pontos) e “Extremamente bem” (7 pontos).

Este instrumento irá levantar quais são os padrões cognitivos de processamento, quando o indivíduo se depara com novas informações, a partir das habilidades cognitivas, a forma de organização de dados pelo grupo pesquisado e suas preferências intelectuais. Após a análise e tratamento dos elementos desse inventário nessa pesquisa haverá um panorama do comportamento dos elementos dos grupos estudados no enfrentamento com novas informações. Este panorama irá sintetizar os diferentes perfis intelectuais dos participantes da pesquisa e com isso pretende-se ter um planejamento participativo mais eficaz, visto que a distribuição das ações será de acordo com os resultados aferidos.

## **Metodologia**

O desenho de uma pesquisa tem fortemente o traço metodológico do que foi implantado. Segundo Anastasiou (p. 64. apud TANAKA et. al. 2017) este caminho consiste “[...] na busca para se chegar a determinado objetivo ou fim, caminho este que nos trará uma explicação detalhada, rigorosa e exatas das ações a serem desenvolvidas”.

A metodologia deste estudo é pautada em uma abordagem exploratória, de abrangência qualitativa e tendo como instrumento de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica e observação (COOPER; SCHINDLER, 2003; GIL, 2002;

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

MARCONI; LAKATOS, 2002). Caracteriza-se um estudo exploratório porque relaciona duas abordagens teóricas: os estilos intelectuais e o planejamento participativo, no ambiente do ensino superior. (COOPER; SCHINDLER, 2003; GIL 2002). Quanto a abrangência a pesquisa caracteriza-se de forma qualitativa, porque visa o aprofundamento dos dados nas abordagens teóricas apresentadas.

Referente aos instrumentos de coleta de dados, optou-se pela pesquisa bibliográfica para embasamento da exploração que se pretende realizar, em obras de dois autores de relevâncias para as abordagens teóricas em análise e correlacionadas com o ensino superior. A finalidade desta categoria de pesquisa é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (LAKATOS; MARCONI, 2002, p. 183). A técnica de coleta de dados, por meio observação, também, será utilizada no sentido de buscar a informação na realidade.

Desta forma, o objeto deste estudo é formado na melhoria das estratégias de ensino e aprendizagem, com base nas preferências levantadas dos alunos e professores. A investigação científica consiste na relação entre o professor e o discente na condução dos conteúdos, no ensino superior, com a estratégia de ensino a aplicação do método do planejamento participativo. A realidade em análise, baseia-se na relação estabelecida entre os pesquisadores e que, também, na docência dos em análise - Música e Relações Públicas, na Universidade Estadual de Londrina.

## **Resultados e Discussão**

A participação pode ocorrer de formas equivocadas como falsas participações, manipulação intencional e incompreensão do que participar, conforme apresenta Gandin (1994)

A participação é, contudo, hoje, um conceito que serve a três desastres extremamente graves: a manipulação das pessoas pelas “autoridades” através de um simulacro de participação; a utilização de metodologias inadequadas, com o conseqüente desgaste da ideia, e a falta de compreensão do que seja realmente a participação. Por isto, vale a pena verificar quais os níveis em que a participação pode ser exercida. (GANDIN, 1994, p. 56)

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Nas universidades, onde a participação dos alunos, nas propostas de ensino-aprendizagem, pode ocorrer, muitas das vezes, parcialmente, e em certos casos, distante dos alunos. Bem como, os desgastes nos relacionamentos interpessoais entre os alunos, também propiciam dificuldades no fomento da participação.

A identificação dos estilos intelectuais individuais dos membros de cada grupo de trabalho, podem fornecer suporte, para que cada discente trabalhe numa perspectiva condizente com seu estilo intelectual ou do seu espectro com estilos intelectuais variados (ZHANG;LI-FANG, 2015). Para o docente isso certamente gerará a princípio muito mais trabalho, porém, aqueles alunos que se encontravam “fora do perfil desejado” tendem a ser cada vez mais escassos porque além da perspectiva participativa que envolve a colaboração, a chamada de decisão e a construção em conjunto o docente tem a sua perspectiva ampliada pelo uso da perspectiva da psicologia cognitiva que liga diretamente estas estratégias da participação com os processamento mental.

Esta pesquisa, em fase inicial, em andamento, sobre a aplicação do método do planejamento participativo, no ensino superior, por meio de um viés cognitivo, visa classificar os modelos individuais de estilos intelectuais, nas suas dimensões, e, também, em tipos que contemplam características específicas, com base nos “estilos intelectuais” de estudantes e professores, dos cursos pesquisados – Licenciatura em Música e Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina.

Os aspectos levantados (atividades em sala, atividades extra sala e mesmo a discussão do programa da disciplina) vem causando estranhamento quando a resposta dos discentes é observada, o que tem se levantado assim, uma hipótese, de que os alunos estão saturados com os modelos ainda persistentes da Pedagogia Tradicional.

### **Conclusões**

Até o presente momento, não foi possível aferir resultados expressivos.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**Referências**

ANASTASIOU, Léa das Graças C. A importância do ser professor: inclusão de novas metodologias para a melhoria da qualidade de ensino. **Experiências inovadoras e metodologias ativas**: PASEM/ MERCONSUL. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. São Paulo: Loyola, 1994.

GANDIN, Danilo. **O planejamento como prática educativa**. São Paulo: Loyola, 1997

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

INÁCIO, Francislaine Flâmia. **Memória, estilos intelectuais, estratégias de aprendizagem: estudando os transtornos do neurodesenvolvimento em alunos do ensino fundamental e percepção de seus professores**. 2016. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

MESSICK, Samuel. **The nature of cognitive style: problems and promise in educational practice**. Educational Psychologist, Hillsdale, NJ, v. 19, p. 59-74, 1984.

ORLICKAS, Elizen da. **Modelos de gestão: das teorias da administração à gestão estratégica**. São Paulo: IBPEX, 2010.

OLIVEIRA, Djalma P. R. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia, práticas**. 24. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, Katya Luciane; TRASSI, Angélica Polvani; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Estilos intelectuais: revisitando e atualizando conceitos. *In*: MARTINELLI, Selma de Cássia; FERNANDEZ, Débora Cecílio (org.). **Aprendizagem escolar na contemporaneidade**. Curitiba: Editora Juruá, 2017. p. 64-77.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli; SISTO, Fermino Fernandes; MARTINS, Rosana Maria Mohallem. Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade. Psico-USF, Bragança Paulista, SP, v. 8, p. 11-20, 2003.

STERNBERG, R. J. (1997). **Thinking styles**. New York: Cambridge University Press.

STERNBERG, Robert J.; WAGNER, Richard K.; ZHANG, Li-Fang. **Thinking styles inventory-revised II**. Bethesda: Tufts University, 2007.

ZHANG, Li-fang. **The malleability of intellectual styles**. Cambridge: Cambridge University, 2015.



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

ZHANG, Li-fang; CHENG, Sanyin. Validating the thinking styles inventory-revised II among chinese University students with hearing impairment trough test Accommodations. **American Annals of the Deaf** United States, v. 159, n. 1, p. 22-33, 2014.

ZHANG, Li-fang; STENBERG, Robert J.; RAYNER, Stephen. **Handbook of intellectual styles: preferences in cognition, learning, and thinking**. New York: Springer Publishing Company, 2012.